

OS CAMINHOS QUE CONSTITUÍRAM A ALFABETIZAÇÃO E O PAPEL DO PROFESSOR NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

LES PARCOURS QUI CONSTITUAIENT L'ALPHABÉTISATION ET LE RÔLE DE L'ENSEIGNANT DANS LE PROCESSUS D'ENSEIGNEMENT-APPRENTISSAGE

José Alex Trajano do Santos ¹

RESUMO²

A alfabetização é imprescindível na vida de qualquer sujeito, sobretudo pela sociedade ainda ser fortemente grafocêntrica. Com isso, entende-se que o sujeito alfabetizado é posto em um *status* privilegiado no que se refere ao gozo de direitos e deveres, principalmente quando esses não são inerentes. No decorrer dos anos, suscitaram-se discussões diversas sobre os conceitos e os métodos de alfabetização, cujas variações encontravam-se e ainda se encontram no processo de aquisição da linguagem. O presente estudo tem como objetivo apresentar o surgimento da alfabetização e da escrita no mundo e articular o papel do professor no processo de ensino-aprendizagem da língua materna. A metodologia utilizada pautou-se em uma revisão bibliográfica sistemática, composta de diversos expedientes científicos, como artigos, leis e livros de pesquisadores renomados da área de aquisição da linguagem e suas correlações.

Palavras-chave: Alfabetização. Métodos. Papel do Professor. Ensino/Aprendizagem.

RÉSUMÉ³

L'alphabétisation est essentielle dans la vie de tout sujet, d'autant plus que la société est encore fortement graphocentrique. Ainsi, il est entendu que le sujet alphabétisé est placé dans un statut privilégié en ce qui concerne la jouissance des droits et devoirs, surtout lorsque ceux-ci ne sont pas inhérents. Au fil des ans, diverses discussions sur les concepts et les méthodes d'alphabétisation ont vu le jour, dont les variations étaient et sont toujours en cours d'acquisition du langage. Cette étude vise à présenter l'émergence de l'alphabétisation et de l'écriture dans le monde et articular le rôle de l'enseignant dans le processus d'enseignement / apprentissage de la langue maternelle. La méthodologie utilisée était basée sur une revue bibliographique systématique, composée de plusieurs expédients scientifiques, tels que des articles, des lois et des livres de chercheurs renommés dans le domaine de l'acquisition des langues et de leurs corrélations.

Mots-clés: Alphabétisation. Méthodes. Rôle de l'enseignant. Enseignement / Apprentissage.

¹ Doutor Honoris Causa em Educação (Centro Sarmathiano de Altos Estudos Filosóficos e Históricos/RJ). Especialista em Docência do Ensino Superior e Educação de Jovens e Adultos (Faculdade Venda Nova do Imigrante/FAVENI). Atualmente é Presidente e Professor Alfabetizador na Associação Comunitária Educacional Cícera Tereza dos Santos – ACECTS – Mauá – São Paulo E-mail: alextrajano95@gmail.com

² O presente resumo foi apresentado no 18º Simpósio de Iniciação Científica da Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALI, com o tema: Responsabilidade Social da Pesquisa Científica, em 2020, na sessão temática: Educação e Contemporaneidade em Pauta: desafios da formação em todos os níveis de ensino.

³ Ce résumé a été présenté lors du 18ème Symposium d'Initiation Scientifique de l'Université Vale do Rio Doce - UNIVALI, avec le thème: Responsabilité Sociale de la Recherche Scientifique, en 2020, dans la session thématique: Education et Agenda Contemporanéité: les défis de la formation à tous les niveaux de l'éducation.

Considerações iniciais

O presente estudo discorre sobre o surgimento da alfabetização e sua difusão, bem como os métodos que auxiliam professores e alunos no âmbito da sala de aula e o papel do professor no processo de ensino-aprendizagem.

A Alfabetização é um processo imprescindível na vida de qualquer sujeito, pois lhe possibilita construir o significado para a vida em sociedade – esta que é fortemente grafocêntrica – e dessa forma usufruir dos seus direitos e deveres de maneira participativa e ativa.

Alfabetização não é somente “o ato de ler e escrever e/ou ensinar a ler e escrever”, como define Magda Soares; a alfabetização vai além, pois, segundo Paulo Freire, a “leitura de mundo precede a leitura da palavra”, ou seja, antes de qualquer indivíduo adentrar a uma sala de aula ele já está inserido em um contexto social e cultural, no qual a escrita se manifesta das mais variadas formas, em placas, *outdoors*, anúncios, propagandas, informativos, de diversas formas, tamanhos e cores, dentre outros.

A leitura de mundo mencionada anteriormente não se restringe somente ao processo da escrita e da leitura, pois possibilita visualizarem-se outros horizontes, fazendo com que o sujeito seja capaz de compreender, interpretar, analisar, debater, discutir, interagir, formular, reformular, assimilar e participar ativamente, dialogando e contracenando de forma direta nas manifestações culturais, sociais, étnicas, raciais, religiosas, políticas e econômicas, ou seja, o mundo que o cerca seja decifrado; e essa leitura de mundo implica diretamente nas relações interpessoais em sociedade, em que há tantos paradigmas. Leitura de mundo gera conscientização, resiliência, empatia, democracia e postura política.

Por mais que a tecnologia tenha avançado e continue avançando sem parar, ainda assim, não criaram nenhum mecanismo que seja capaz de substituir o **processo de alfabetização** e o professor para ministrá-la, pois ambos são atores que contracenam juntos, para obterem expressivos resultados.

Os homens e mulheres, crianças e adultos, jovens e velhos sempre precisarão utilizar a escrita, seja para deixar um recado, escrever uma carta, bilhete, um relatório, a criação de um sistema, roteiro, palestra, enfim, inúmeras situações cotidianas os levarão a recorrer e utilizar o bom e velho sistema da escrita, proveniente do processo de alfabetização, que é mediado pelo professor, figura insubstituível nesse processo de construção e significado da escrita e da leitura, e, a cada dia que passa, inúmeras funções lhe têm sido atribuídas, além daquela de ensinar, tendo que buscar novas especializações, estudos, estratégias e aperfeiçoamentos.

É preciso ir além de um simples fato de juntar sílabas e formar palavras: é compreender, entender, aprender e apreender, utilizando a alfabetização como uma prática discursivo-dialógica.

O objetivo deste estudo é apresentar o surgimento da alfabetização e da escrita no mundo e articular o papel do professor no processo de ensino-aprendizagem da língua materna.

A metodologia utilizada pautou-se em uma revisão bibliográfica sistemática, composta de diversos expedientes científicos, como artigos, leis e livros de pesquisadores renomados da área de aquisição da linguagem e suas correlações, utilizando-se de trabalhos publicados nos últimos 197 anos, ou seja, de 1824 a 2021.

Os autores principais utilizados foram Alves (1982), Arendt (1972), Barbosa (2013), Brasil (1824, 1827, 1988, 1996, 2018), Cagliari (2009), Cury (2003), Freire (1981, 1987, 1989, 1996, 1997, 2009), Gadotti (2011), Libâneo (1994), Lima (S/D), Mortatti (2006,2010). A escolha desses autores se deu por serem os principais teóricos na questão do assunto tratado.

Resultado da discussão

O surgimento da alfabetização: Nos trilhos da história

Para compreendermos um pouco mais sobre a escrita e a alfabetização, é necessário voltarmos no tempo e ver como essas surgiram.

Desde a Antiguidade, a escrita é utilizada como forma de comunicação social entre povos, tribos e nações.

A escrita tem origem no momento em que o homem aprende a comunicar seus pensamentos e sentimentos por meio de signos. Signos que sejam compreensíveis por outros homens que possuem ideias sobre como funciona esse sistema de comunicação (BARBOSA, 2013, p. 38).

Com a criação do sistema da escrita, surge também a necessidade de que ela seja passada às gerações futuras. Nesse contexto, nasce a *alfabetização*, e, segundo afirma Cagliari (2009, p. 14.). “a alfabetização é, pois, tão antiga quanto os sistemas de escrita”.

Pensando nessa questão fica elencado como surge a escrita.

[...] a escrita surgiu do sistema de contagem feito com marcas em cajados ou ossos, e usado provavelmente para contar o gado, numa época em que o homem já possuía rebanhos e domesticava os animais. Esses registros passaram a ser usados nas trocas e vendas, representando a quantidade de animais ou de produtos negociados (CAGLIARI, 2009, p. 16.).

Evidencia-se que, na era primitiva, o processo de escrita considerava alfabetizado aquele que conseguisse fazer a leitura dos símbolos de forma padronizada e reproduzi-la, uma vez que o que se escrevia era apenas um tipo de documento e/ou texto, não necessitando de tantas regras. Outro fato histórico que merece destaque é que a escrita:

[...] começou de maneira autônoma e independente, na Suméria, por volta de 3300 a.C. É muito provável que no Egito, por volta de 3000 a.C., e na China, por volta de 1500 a.C., esse processo autônomo tenha se repetido. Os maias na América Central também inventaram um sistema de escrita independentemente de um conhecimento prévio de outro sistema de escrita, num tempo indeterminado ainda pela ciência, que talvez se situe por volta do início da era cristã. Todos os demais sistemas de escrita foram inventados por pessoas que, tiveram de uma maneira ou de outra, contato com algum sistema de escrita (CAGLIARI, 2009, p. 17).

Cada **civilização** foi responsável pelo desenvolvimento autônomo do seu próprio sistema de escrita, de modo que se adequasse à sua realidade e à sua necessidade de se comunicar. Dessa forma, todos contribuíram para a universalização do código escrito nos nossos dias.

Na medida em que o homem foi evoluindo, foi criando regras para o uso da escrita e sua utilização no convívio social.

Na Antiguidade, os alunos alfabetizam-se aprendendo a ler algo já escrito e depois copiando. Começavam com palavras e depois passavam para textos famosos, que eram estudados exaustivamente. Finalmente, passavam a escrever seus próprios textos. O trabalho de leitura e cópia era o segredo da alfabetização (CAGLIARI, 2009, p. 17).

A alfabetização nesse contexto se dava de forma mecânica, ou seja, apenas por meio da reprodução e cópia de textos, muitas vezes não fazendo sentido ou tendo [co]relação, para esse indivíduo que se encontrava no processo de ensino-aprendizagem.

De acordo com Paiva (2010), no Brasil, a Alfabetização começou a ser introduzida ainda no período Brasil-Colônia, com o chamado ensino de primeiras letras, coordenado pelos jesuítas, que foram responsáveis pela educação no Brasil durante o período de 210 anos, até ocorrer à Reforma Pombalina⁴.

⁴ Durante a segunda metade do século XVIII, a Coroa Portuguesa sofreu a influência dos princípios iluministas com a chegada de Sebastião José de Carvalho aos quadros ministeriais do governo de Dom José I, mais conhecido como Marquês de Pombal. Este “superministro” teve como grande preocupação modernizar a administração pública de seu país e ampliar ao máximo os lucros provenientes da exploração colonial, principalmente em relação à colônia brasileira. Esse tipo de tendência favorável a reformas administrativas e ao fortalecimento do Estado monárquico compunha uma tendência política da época conhecida como “despotismo esclarecido”. A chegada do esclarecido Marquês de Pombal pode ser compreendida como uma consequência dos problemas econômicos

A educação jesuítica tinha como objetivo implantar escolas e ensinar as crianças a ler, escrever, contar e cantar. Todavia, com o passar do tempo, a forma de alfabetizar não teve muitos avanços, situação que, infelizmente, perdura até os dias atuais e faz parte do nosso cenário educacional, uma vez que alguns docentes não buscam a renovação de sua prática pedagógica. Desse modo, o aprimoramento das técnicas de ensino acaba por mecanizar as formas de instruir, resultando em uma má alfabetização.

Outro fato marcante que merece ser lembrado é o aparecimento das “cartilhas”, que se deu ainda no período da era renascentista (séculos XV e XVI), em que surgia a imprensa na Europa, criada por Gutenberg⁵.

[...] a preocupação com os leitores aumentou, uma vez que agora se faziam livros para um público maior, e a leitura de obras famosas deixou de ser coletiva para se tornar cada vez mais individual. Por isso, a preocupação com a alfabetização passou a ter uma importância muito grande. A primeira consequência disso foi o aparecimento das primeiras “cartilhas (CAGLIARI, 2009, p. 21).

vividos por Portugal na época. Nessa época, os portugueses sofriam com a dependência econômica em relação à Inglaterra, a perda de áreas coloniais e a queda da exploração aurífera no Brasil. Buscando ampliar os lucros retirados da exploração colonial em terras brasileiras, Pombal resolveu instituir a cobrança anual de 1500 quilos de ouro. Além disso, ele resolveu tirar algumas atribuições do Conselho Ultramarino e acabou com as capitânicas hereditárias que seriam, a partir de então, diretamente pelo governo português. Outra importante medida foi a criação de várias companhias de comércio incumbidas de dar maior fluxo às transações comerciais entre a colônia e a metrópole. No plano interno, Marquês de Pombal instituiu uma reforma que desagradou muitos daqueles que viviam das regalias oferecidas pela Coroa Portuguesa. O chamado Erário Régio tinha como papel controlar os gastos do corpo de funcionários reais e, principalmente, reduzir os seus gastos. Outra importante medida foi incentivar o desenvolvimento de uma indústria nacional com pretensões de diminuir a dependência econômica do país. Outra importante medida trazida com a administração de Pombal foi a expulsão dos jesuítas do Brasil. Essa medida foi tomada com o objetivo de dar fim às contendas envolvendo os colonos e os jesuítas. O conflito se desenvolveu em torno da questão da exploração da mão-de-obra indígena. A falta de escravos negros fazia com que muitos colonos quisessem apresar e escravizar as populações indígenas. Os jesuítas se opunham a tal prática, muitas vezes apoiando os índios contra os colonos. Vendo os prejuízos trazidos com essa situação, Pombal expulsou os jesuítas e instituiu o fim da escravidão indígena. As terras que foram tomadas dos integrantes da Ordem de Jesus foram utilizadas como zonas de exploração econômica através da venda em leilão ou da doação delas para outros colonos. Com relação aos índios, Pombal pretendia utilizá-los como força de trabalho na colonização de outras terras do território.

Mesmo pretendendo trazer diversas melhorias para a Coroa, Pombal não conseguiu manter-se no cargo após a morte de Dom José I, em 1777. Seus opositores o acusaram de autoritarismo e de trair os interesses do governo português. Com a saída de Pombal do governo, as transformações sugeridas pelo ministro esclarecido encerraram um período de mudanças que poderiam amenizar o atraso econômico dos portugueses. SOUSA, R. G. "**Reformas Pombalinas**"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/reformas-pombalinas.htm>. Acesso em: 25 mar. 2021.

⁵ **Johannes Gutenberg** (1396-1468) foi um inventor alemão, o primeiro a usar a prensa e os tipos móveis de metal, inventos que revolucionaram a técnica de impressão. Johannes Gutenberg nasceu em Mogúncia, Alemanha, no ano de 1396. Poucos anos após seu nascimento sua família mudou-se para Estrasburgo, onde Gutenberg viveu por mais de vinte anos. Em 1434 já era conhecido como um homem de grande habilidade mecânica, proprietário de uma oficina onde ensinava vários ofícios, entre eles o de talhador de pedra, cortador e polidor de espelhos, ourives etc.

Quando Gutenberg nasceu, a impressão de imagens era feita através de carimbos e blocos de madeira que mal permitia produzir textos. Sabe-se que essa técnica foi usada pelo holandês Laurens Janszoon Closter, e que era antiga no Extremo Oriente. Ver: https://www.ebiografia.com/johannes_gutenberg/. Acesso em: 22 mar. 2021.

Cagliari (2009) ainda afirma que foi devido a essas cartilhas que vieram a surgir as primeiras gramáticas das línguas neolatinas, uma vez que despertaram os gramáticos a se dedicarem à alfabetização, pois era necessário que se estabelecesse uma ortografia que ensinasse o povo a escrever nas línguas vernáculas, de maneira que deixassem cada vez mais de lado o latim.

Uma das cartilhas mais importantes já publicadas da língua portuguesa foi a cartilha de João de Barros⁶, publicada no ano de 1540, a priori chamada de Cartinha, que é outro diminutivo de “carta”, ao lado de “cartilha”, como explica Cagliari (2009, p. 24.)

Essa Cartilha trazia o alfabeto nas letras góticas, que eram as da imprensa da época; em seguida, vinham as tábuas ou tabelas que traziam as combinações das letras (sílabas). Logo após, apresentava listas de palavras, cada uma começando com uma letra do alfabeto ilustrado. Por fim, esse material trazia os mandamentos de Deus e algumas orações.

Ainda falando sobre Cartilha, destacamos também a famosa cartilha Método Português para o ensino do ler e do escrever, de António Feliciano de Castilho⁷, com publicação em 1850. Além dessa, outra cartilha portuguesa que ficou muito famosa, inclusive no Brasil, foi a de João de Deus (1830-1896), chamada de “Cartilha maternal ou arte de leitura” (1870).

Com o passar dos anos, foram sendo criadas muitas cartilhas de alfabetização no Brasil. Uma das Cartilhas mais famosas e que fez parte da vida escolar, sobretudo da alfabetização de milhões de brasileiros, sem dúvidas foi a Cartilha “Caminho Suave”, da professora paulistana Branca Alves de Lima⁸, tendo a sua primeira publicação no de ano 1948, que chegou à marca de mais de 40 milhões de exemplares vendidos de 1948-1996.

⁶ **João de Barros**, chamado *o Grande* ou *o Tito Lívio Português*, (Viseu, c. 1496 — Pombal, Ribeira de Alitém, 20 de Outubro de 1570) é geralmente considerado o primeiro grande historiador português e pioneiro da gramática da língua portuguesa, tendo escrito a segunda obra a normatizar a língua, tal como falada em seu tempo. Disponível: https://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_de_Barros. Acesso em: 16 jan. 2021.

⁷ **António Feliciano de Castilho**, 1º Visconde de Castilho, (Lisboa, 28 de Janeiro de 1800 — Lisboa, 18 de Junho de 1875) foi um escritor romântico português, polemista e pedagogo, inventor do Método Castilho de leitura. Em consequência de sarampo perdeu a visão quase completamente aos 6 anos de idade. Licenciou-se em direito na Universidade de Coimbra. Viveu alguns anos em Ponta Delgada, onde exerceu uma grande influência entre a intelectualidade local. Contra ele se rebelou Antero de Quental (entre outros jovens estudantes coimbrões) na célebre polémica do Bom-Senso e Bom-Gosto, vulgarmente chamada Questão Coimbrã, que opôs os jovens representantes do realismo e do naturalismo aos vetustos defensores do ultra-romantismo. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ant%C3%B3nio_Feliciano_de_Castilho. Acesso em: 10 jan. 2021.

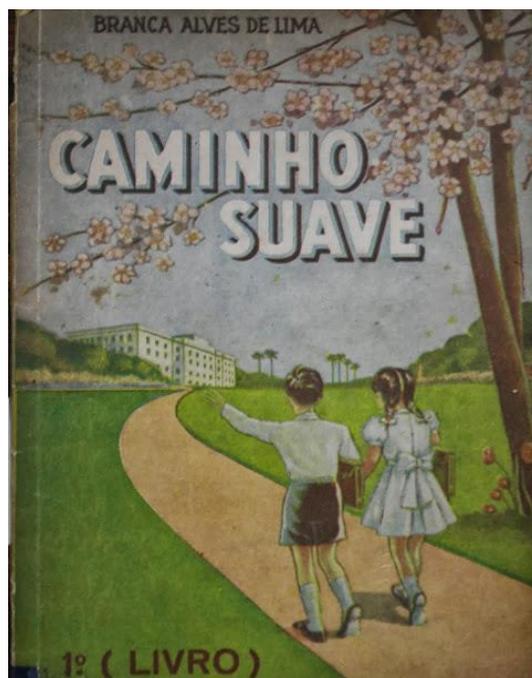
⁸ Filha do senhor Manoel Silveira Alves de Lima, guarda-livros (contador) e de dona Maria Isaura Freitas Lima (do lar), nasceu aos 13 dias do mês de agosto do ano de 1910, na Rua Chavantes, bairro do Brás, São Paulo a Professora **Branca Alves de Lima**, formada no antigo Curso de Normalistas pela Escola Normal do *Braz*, atual Escola Estadual Padre Anchieta (localizada na Rua Visconde de Abaeté, 154), em 1929; Teve experiência de “quinze anos de trabalho em classes de 1º grau, com extraordinários resultados”. A partir de suas experiências e dificuldades no âmbito da sala de aula, como professora alfabetizadora nas décadas de 1930 e 1940, Branca Alves de Lima publicou no ano 1948 a Cartilha Caminho Suave, nome esse que, segundo a autora, foi escolhido porque o ato de estudar e aprender deveriam ser um caminho “suave” e que todos iriam aprender, almejando, assim, contribuir com a extinção do analfabetismo no Brasil. A partir do ano de 1949, a obra Caminho Suave já constava

Figura 1- Foto de Branca Alves de Lima (1929)



Fonte: Retirada do Jornal do Brás⁹

Figura 2- Cartilha Caminho Suave (1948)



Fonte: Duro na queda¹⁰ - Página on-line

O grande sucesso da *Cartilha Caminho Suave* atribui-se ao método de ensino que a autora utilizou, chamado método misto ou eclético.

[...] buscando conciliar os dois tipos básicos de métodos de ensino da leitura e escrita (sintéticos e analíticos), em várias tematizações e concretizações das décadas seguintes, passaram-se a utilizar: métodos mistos ou ecléticos (analítico-sintético ou vice-versa), considerados mais rápidos e eficientes (MORTATTI, 2000, p. 8).

A *Alfabetização pela Imagem* é uma característica própria dessa cartilha, método que a autora adotou e teve grande destaque no âmbito educacional, marcando assim indícios da Escola Nova.

na relação de livros adotados nas escolas primárias do Estado de São Paulo e chegou a integrar o catálogo do Ministério da Educação, sendo adotada em todo o país e participando de vários programas de apoio e fomento ao livro didático. A partir de 1996, com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Básica Nacional (LDB) 9.394 a Cartilha Caminho Suave foi abolida como material oficial do MEC. Apesar de não ser mais o método oficial de alfabetização dos brasileiros, a cartilha de Branca continua sendo reproduzida e comercializada pela Editora EDIPRO (São Paulo), e que segundo a mesma chega a vender entre 15 e 30 mil exemplares por ano, estando na 132ª edição corrigida ortograficamente, mas que é mantida como em seus primórdios. No dia 21 de janeiro de 2001, aos 91 anos de idade, acometida por várias complicações ocasionadas pelo diabetes, faleceu Branca Alves de Lima, embora criticada por muitos e pesquisada por poucos, deixou uma grande contribuição para alfabetização no Brasil num período em que pouco se pensava nesse processo. (PEREIRA, M.G.S. **Quem foi Branca Alves de Lima?** Entrevista concedida a José Alex Trajano dos Santos e Mírian Wartusch. São Paulo, 28 jun. 2020.)

⁹ Disponível em: http://www.jorbras.com.br/portal/index.php?option=com_content&task=view&id=2308. Acesso em: 15. abr. 2020.

¹⁰ Disponível em: <http://duonaqueda.blogs.sapo.pt/a-historia-da-cartilha-caminho-suave-666368> Acesso em: 15 abr. 2020.

Para a Professora Branca Alves de Lima, o método tinha por objetivo

[...] maior que é levar a criança a ler e interpretar, num treino intensivo de pensamento e linguagem (observar, falar, ouvir, ler, escrever, pesquisar, construir etc.), e teve a preocupação fundamental de escolher temas vivenciados por ela (a família, a casa, a escola, a comunidade, os animais, as plantas etc.) e de utilizar “palavras-chaves” significativas, pertencentes ao seu universo vocabular ou facilmente assimiláveis (LIMA, S/D, p. 4).

Na perspectiva da autora, o método criado por ela se inicia a partir da realidade vivida pelos seus alunos “na época”. A figura abaixo retrata o denominado **Método de Alfabetização pela imagem**.

Figura 3- Atividades: Método Alfabetização pela Imagem



Fonte: Duro na queda¹¹- Página on-line.

Todas as letras partem desse mesmo pressuposto.

Falando em alfabetização, não poderíamos deixar de citar um marco importante na história da educação brasileira, quando foi instituída a Constituição Imperial de 1824, “Carta Magna”, aprovada e sancionada pelo Imperador Dom Pedro I, em 25 de março de 1824, que previa no Título 8º - “Das disposições, e Garantias dos Direitos Cívicos, e Políticos dos Cidadãos Brasileiros, escrito com “z”, no artigo 179, inciso XXXII, que prevê: “A Instrução primaria, e gratuita a todos os Cidadãos”. Considera-se esse o primeiro passo para a oferta da gratuidade da educação, apesar dos problemas para a sua implantação.

Reafirma o respectivo artigo, a Lei de 15 de outubro de 1827, que: “Manda crear escolas de **primeiras letras** em todas as cidades, villas e logares mais populosos do Imperio”.

¹¹ Disponível em: <https://duonaqueda.blogs.sapo.pt/a-historia-da-cartilha-caminho-suave-666368> Acesso em: 15 abr. 2020.

E o artigo 1º diz que: *Em todas as cidades, villas e logares mais populosos, haverão as escolas de primeiras letras que forem necessarias.*

Em relação ao ensino,

Art 4º As escolas serão de ensino mutuo nas capitaes das provincias; e o serão tambem nas cidades, villas e logares populosos dellas, em que fôr possível estabelecerem-se.
Art 5º Para as escolas do ensino mutuo se applicarão os edifficios, que houverem com sufficiencia nos logares dellas, arranjando-se com os utensillios necessarios á custa da Fazenda Publica e os Professores; que não tiverem a necessaria instrucção deste ensino, irão instruir-se em curto prazo e á custa dos seus ordenados nas escolas das capitaes. (BRASIL, 1827).

O “ensino mútuo” ou “método lancasteriano” foi criado por Joseph Lancaster (pedagogo inglês) que pregava,

[...] dentre outros princípios, que um aluno treinado ou mais adiantado (decurião) deveria ensinar um grupo de dez alunos (decúria), sob a orientação e supervisão de um inspetor. Ou seja, os alunos mais adiantados deveriam ajudar o professor na tarefa de ensino. Essa idéia resolveu, em parte, o problema da falta de professores no início do século XIX no Brasil, pois a escola poderia ter apenas um educador (MENEZES, 2001, p. on-line).

O método mútuo ou lancasteriano propunha a repartição entre os alunos em classe que, de acordo com os seus conhecimentos, estariam aptos a praticar e aplicar o ensino, e que o ato de castigar (fisicamente) deveria não mais ser adotado, propondo-se uma nova concepção de pensar o processo de escolarização e pensar a disciplina escolar.

De acordo com essa Lei, os professores:

Art 6º [...] ensinarão a ler, escrever as quatro operações de arithmetica, pratica de quebrados, decimaes e proporções, as noções mais geraes de geometria pratica, a grammatica da lingua nacional, e os principios de moral christã e da doutrina da religião catholica e apostolica romana, proporcionandos á comprehensão dos meninos; preferindo para as leituras a Constituição do Imperio e a Historia do Brazil (BRASIL, 1827).

A Lei de 15 de outubro de 1827 foi crucial para as futuras propostas educacionais no Brasil – que, *a priori*, contemplava somente os meninos. E em comemoração à aprovação dessa lei que criou as primeiras Escolas Elementares, alusivamente o dia 15 de outubro foi considerado o “Dia dos Professores” - dia consagrado à educadora Santa Teresa de Ávila¹², Padroeira dos Professores.

¹² Muita gente não sabe, mas os professores têm uma padroeira ilustre: Santa Tereza D’Ávila ou Santa Tereza de Jesus, uma espanhola que queria ter o pensamento livre em uma época em que as mulheres não tinham voz, é a protetora dos docentes. Santa Tereza nasceu em Ávila, em uma família com 10 irmãos. Desde cedo se interessava pela vida dos santos e foi com os irmãos que aprendeu a ler sobre histórias sacras. Perdeu a mãe aos 16 anos e o

Apesar de o direito à educação ser assegurado para todos e todas pela Constituição Cidadã de 1988, em seu artigo 205, que garante os direitos básicos dos cidadãos brasileiros, infelizmente, ainda hoje, no Brasil, temos 11,3 milhões de pessoas acima dos 15 anos de idade ainda analfabetas, significando 6,7% da população, de acordo com dados do IBGE (2018). A fim de corrigir essa desigualdade, foi criada a modalidade da Educação de Jovens e Adultos, prevista no artigo 37 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Básica, Lei n. 9.394/1996, que passa por grandes dificuldades e muitas vezes é totalmente desprestigiada por aqueles que estão no poder e tratam o problema do analfabetismo como,

[...] na melhor das hipóteses, ingênua¹³ [...] o encara ora como uma “erva daninha” – daí a expressão corrente: “erradicação do analfabetismo” –, ora como uma “enfermidade” que passa de um a outro, quase por contágio, ora como uma “chaga” deprimente a ser “curada” e cujos índices, estampados nas estatísticas de organismos internacionais, dizem mal dos níveis de “civilização” de certas sociedades. Mais ainda, o analfabetismo aparece também, nesta visão ingênua ou astuta, como a manifestação da “incapacidade” do povo, de sua “pouca inteligência”, de sua “proverbial preguiça” (FREIRE, 1981, p. 11).

Retrata o descaso e o compromisso com a educação, sabendo que esta, quando bem investida, trabalhada e desenvolvida rompe com os paradigmas e dogmas daqueles que querem ora o poder, ora governar com severidade, domesticando e impondo suas ideologias que visam à dominação em massa, opressão aos menos favorecidos, fortalecendo ainda mais as desigualdades sociais, alimentando o sistema capitalista, injusto que reina e impera em nosso país expressivamente, que faz vistas grossas e “limita sua compreensão do problema no que concerne a trazer soluções, não captando a sua complexidade, e suas respostas são de caráter mecanicista” (*ibidem*, p. 13) e “se dizem comprometidos com a libertação e agem de acordo com os mitos que negam a humanização”. (*ibidem*, p. 84).

pai a internou, por um ano e meio, no Mosteiro Agostiniano de Santa Maria das Graças. Aos 20 anos, ingressou no Mosteiro Carmelo da Encarnação. Foi nessa época que a Inquisição proibiu, principalmente, as mulheres de lerem livros. Tereza sofreu, mas teve que obedecer. Depois de sofrer vários problemas de saúde, em 1562, fundou o Mosteiro de São José em Ávila, onde também foi legisladora. Ao todo, constituiu 17 conventos. Tereza morreu em 4 de outubro de 1582, coincidentemente no dia em que foi iniciada a reforma no calendário, a data passou a ser considerada como dia 15. A santa foi canonizada em 1622. No dia 27 de setembro de 1970, o Papa Paulo VI conferiu-lhe o título de Doutora da Igreja. Santa Tereza escreveu várias obras, como Livro da Vida, Caminho de Perfeição, Moradas ou Castelo Interior, Livro das Fundações, Poesias, Exclamações e mais de 500 cartas. Disponível em: <https://www.educacao.sp.gov.br/padroeira-dos-professores-viveu-no-seculo-xvi/>. Acesso em: 20 jan. 2021.

¹³ Quando digo “concepção, na melhor das hipóteses, ingênua”, é porque muitos dos que poderiam ser considerados como ingênuos, ao expressá-la, são, na verdade, astutos. Sabem muito bem o que fazem e onde querem ir, quando, em campanhas de alfabetização, “alimentam” os alfabetizandos de “slogans” alienadores, em nome, ainda, da neutralidade da educação. Objetivamente, porém, se identificam ambos – ingênuos e astutos. (nota de rodapé do autor). FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade**. 5. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1981. P. 11.

A educação e a alfabetização são fenômenos de experiências que sofreram e sofrem constantes transformações. Numa visão crítica sobre a alfabetização, discorre Paulo Freire que:

[...] alfabetização, não será a partir da mera repetição mecânica de pa-pe-pi-po-pu, la-le-li-lo-lu, que permitem formar pula, pêlo, lá, li, pulo, lapa, lapela, pílula etc. que se desenvolverá nos alfabetizados a consciência de seus direitos, como sua inserção crítica na realidade. Pelo contrário, a alfabetização nesta perspectiva, que não pode ser a das classes dominantes, se instaura como um processo de busca, de criação, em que os alfabetizados são desafiados a perceber a significação profunda da linguagem e da palavra. Palavra que, na situação concreta em que se encontram, lhes está sendo negada. No fundo, negar a palavra implica em algo mais. Implica em negar o direito de “pronunciar o mundo”¹⁴. Por isto, “dizer a palavra” não é repetir uma palavra qualquer. Nisto consiste um dos sofismas da prática reacionária da alfabetização. (*ibidem*, 1981, p. 13).

A alfabetização deve ser um processo de *transformação*, trabalhada de maneira crítica, por meio da **dialogicidade e da problematização**, pois através dela, vidas são impactadas e quem por ela passa tem sua visão de mundo ampliada, liberta-se da ignorância e adquire uma nova postura de “ler o mundo” que a cerca, ressaltando-se se esta for tratada e desenvolvida como um processo **reflexivo-político-emancipatório-argumentativo**.

Tipos de métodos de alfabetização

À medida que a alfabetização foi evoluindo, surgiram também as necessidades, as dificuldades e os desafios sobre a leitura e a escrita. Nesse contexto, começaram a aparecer os métodos como forma de apoio e auxílio para a prática pedagógica em sala de aula, com o objetivo de sanar essas dificuldades, ou seja, o método é um importantíssimo caminho que deve ser trilhado para se obter êxito na construção do aprendizado. Libâneo (1994, p. 150) define método como “caminho para atingir um objetivo”.

Com todas as evoluções foram surgindo vários *Métodos de Alfabetização*, tais como: **Método Tradicional**, que abrange o **Método Sintético e Analítico** e a **Abordagem Construtivista**, os quais serão descritos abaixo.

Método tradicional

¹⁴ A este propósito, ver Ernani Maria Fiori, Prefácio a Pedagogia do Oprimido, e Paulo Freire, nesse mesmo livro. Ed. Paz e Terra, Rio, 1997, 4. ed. (N. E.) – Nota de rodapé inserida pelo autor. FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade**. 5. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1981. p. 13.

O Método Tradicional de ensino teve sua origem em meados do século XVIII, a partir do Iluminismo. O principal objetivo desse Método era garantir o acesso do indivíduo ao conhecimento e tinha como características a centralidade da figura do professor e a sua autoridade. O aluno era visto como um mero receptor de conhecimentos, que lhes eram passados de forma excessiva e, muitas vezes, sem fazer sentido para a vida desse sujeito que se encontrava no processo ensino-aprendizagem.

Método sintético

O Método Sintético é o mais antigo, com mais de 2000 anos de existência, que perdurou por toda a Antiguidade, chegando também à Idade Média, quando foi adotado em países da Europa, como, por exemplo, a França, que utilizava esse método para ensinar inicialmente o Latim, e somente depois inserir a língua materna. Sobre esse Método, Cagliari (2009, p. 27.) diz que: “partia-se do alfabeto para a soletração e silabação, seguindo uma ordem hierárquica crescente de dificuldades, desde a letra até o texto.”.

Esse método divide-se em três tipos: alfabético, fônico e silábico.

Método analítico

Influenciado pela pedagogia norte-americana, o Método Analítico,

[...] baseava-se em princípios didáticos derivados de uma nova concepção — de caráter biopsicofisiológico — da criança, cuja forma de apreensão do mundo era entendida como sincrética. Apesar das disputas sobre as diferentes formas de processuação do método analítico, o ponto em comum entre seus defensores consistia na necessidade de se adaptar o ensino da leitura a essa nova concepção de criança. (MORTATTI, 2006, p.7).

Isso significa que o desenvolvimento desse Método dava-se a partir do processo intuitivo, ou seja, iniciando-se do complexo para o simples.

São tipos desse Método: Global, Palavração e Sentenciação.

Salientamos que esses métodos são conhecidos também como tradicionais ou cartilhescos, pois são evidenciados apenas por cópias, ditados, listas e exercícios da consonância de “seguir modelo”.

Abordagem construtivista

Em meados dos anos de 1980, surgia no Brasil um novo paradigma educacional, baseado nos estudos de Emília Ferreiro (1937) e Ana Teberosky (1944), dando origem, assim, à Abordagem Construtivista, que se embasa nas teorias de Jean Piaget.

Na Abordagem Construtivista, o educando se torna figura central do processo de ensino-aprendizagem e o professor passa a ser o mediador ou “espectador”, não sendo mais a figura detentora do saber e autoritária, como no Método Tradicional. Respeita a bagagem cultural de cada sujeito, como meio para atingir o objetivo: *ensinar*.

[...] requer do professor um trabalho preliminar de descobrir a necessidade de esclarecimento de cada aluno e da classe como um todo. Para isso, o professor precisa ter um preparo profissional de alta qualidade: competência para analisar todas as situações de trabalho escolar que enfrenta na sala de aula, e para tomar decisões corretas como educador e como professor, dizendo aos alunos o que é necessário, de maneira adequada (CAGLIARI, 2009, p. 55).

É de suma e extrema importância ressaltar que a Abordagem Construtivista simbolizou um grande avanço na educação brasileira, uma vez que foi dada notoriedade e valor ao educando, bem como aos seus saberes, que são respeitados ao longo de todo o percurso de ensinar e aprender.

A aprendizagem é sempre um processo construtivo na mente e nas ações do indivíduo. O ensino não constrói nada: nenhum professor pode aprender por seus alunos, mas cada aluno deverá aprender por si, seguindo seu próprio caminho e chegando aonde sua individualidade o levar. Por isso, a aprendizagem será sempre um processo heterogêneo, ao contrário do ensino, que costuma ser tipicamente muito homogêneo (CAGLIARI, 2009, p. 39).

A aprendizagem deve ser realizada de forma significativa, de maneira que venha a fazer sentido, ou seja, construída valorizando a subjetividade de cada sujeito, respeitando o tempo de cada um para aprender, pois, como afirma Cagliari (2009), “não é porque o professor ensina que um aluno automaticamente aprende”.

Para melhor explicitar os métodos apresentados anteriormente, segue o quadro abaixo, conforme Rodrigues (2018), reorganizado por Santos (2021).

Quadro 1- Quadro Comparativo dos Métodos Sintéticos, Analíticos, Tradicional e Construtivista

FONTE: <http://www.diaadianaescola.com.br/quadro-comparativo-dos-metodos-sinteticos-analiticos-tradicional-construtivista/>. Acesso em: 10 mar. 2021. Reorganizado por Santos (2021).

MÉTODO TRADICIONAL QUE ENGLOBA O SINTÉTICO E ANALÍTICO.	MÉTODO SINTÉTICO	MÉTODO ANALÍTICO	ABORDAGEM CONSTRUTIVISTA
<p>- Método rápido e antigo de alfabetização; uma correspondência entre o som e grafia, oral e escrita.</p> <p>- Primeiro aprende as vogais, depois as sílabas até chegar às palavras e as frases, para daí por diante construir textos. O que importa é a montagem silábica, e não o conteúdo surge frases com poucos sentidos do tipo “O rato roeu a roupa do rei de Roma”.</p> <p>- Ensino baseado na ortografia perfeita, ensinada através de regras gramaticais, confundindo ainda mais a aprendizagem do aluno, e deixando às vezes seus textos escritos de forma ortograficamente correta, porém sem sentido.</p> <p>- A cartilha de método tradicional cria seus próprios ideais, que o aluno tem por obrigação segui-lo, aprendendo uma lição após a outra.</p> <p>- É centrado no professor, que tem a função de “vigiar o aluno”. Professor ensina a matéria, passa os exercícios, e depois a corrige, seguindo com a matéria à frente, fazendo sempre a mesma coisa, tornando a aula mecanizada, dando a entender que o aluno só irá aprender através do conhecimento do professor.</p> <p>- A aula deve acontecer apenas dentro da sala.</p> <p>- O aluno aprende através de repetições de exercícios com exigência do uso da memória, levando o aluno a decorar e não aprender, e como consequência a escola forma alunos desinteressados, desmotivado pelos estudos.</p> <p>- O ensino em lê letra por letra, ou sílaba por sílaba, e palavra por palavra, acarretando pausas durante a leitura, motivando o cansaço e prejudicando o ritmo e a compreensão da leitura.</p>	<p>Método sintético se divide em três tipos:</p> <p>1- Método alfabético ou soletrativo: é muito mais utilizado tendo como princípio que a leitura parta da decoração oral das letras do alfabeto. A principal crítica a este método está relacionada à repetição de exercícios.</p> <p>2- Método fônico: consiste no aprendizado através de associação entre fonemas e grafemas, ou seja, sons e letras basearem-se no ensino do código alfabético, tem como crítica o método da soletração.</p> <p>3- Método silábico: a aprendizagem é feita através de uma leitura mecânica do texto, decifração das palavras. Nesse método as cartilhas são utilizadas para orientar os alunos e são usados fonemas e seus grafemas.</p> <p>Observações:</p> <p>- Aprendizagem ocorre por meio de letra por letra e sílaba por sílaba e palavra por palavra</p> <p>- O indivíduo é capaz de perceber os símbolos gráficos de uma forma geral.</p> <p>- Dificuldades de compreender e criar textos, a leitura dura pouco.</p>	<p>Método analítico se divide em três:</p> <p>1- Palavração: a palavra é apresentada ao aluno acompanhado da imagem, porém é dirigida aos detalhes da palavra como sílabas. Palavra é composta e decomposta.</p> <p>2- Sentenciação: visualiza e memoriza as palavras para formar novas palavras.</p> <p>3- Contos e historietas: é um método como ideia fundamental, fazendo com que a criança entenda que ler é descobrir o que está escrito. E também decompor pequenas histórias em partes cada vez menores.</p> <p>Observações:</p> <p>- Método que analisa o todo (palavra).</p> <p>- Inicia-se com palavras frases ou contos.</p> <p>- Faz com que as crianças compreendam o sentido de um texto.</p> <p>- Não ensina a leitura através da silabação, estimulando a leitura e deixando o aluno a vontade.</p> <p>- Habilidades dos alunos devem ser consideradas.</p> <p>- Priorizar as habilidades de ouvir, falar e escrever.</p>	<p>Tendem a conter o ensino mais claro e objetivo, pois trata o aluno como um ser pensante.</p> <p>- A abordagem construtivista baseia-se nas pesquisas de Jean Piaget e na Teoria de Emília Ferreiro, sobre a construção do conhecimento, afirmando que este é o resultado da construção do próprio indivíduo.</p> <p>- Forma alunos pensantes e agi por si próprio.</p> <p>- Esta abordagem não se preocupa com a perfeição da ortografia, não se prende a escrita, e sim, com a interação no seu aprendizado, sendo um aluno participativo e crítico.</p> <p>- A aprendizagem da criança começa muito antes da aprendizagem escolar. A criança antes de entrar na escola já possui alguns conhecimentos como, por exemplo, a linguagem verbal.</p> <p>- Do ponto de vista linguístico o construtivismo deixa claro que para se aprender algo tem que praticar. Ou seja, para aprender a ler tem que ler e a escrever tem que escrever, para isso não são necessários métodos, por exemplo, para aprendermos a falar não tivemos que seguir um método, para ler e escrever não deve ser diferente.</p> <p>- A abordagem incentiva a criança a expressar o que sente, e a escrever e falar o que pensa, desperta a curiosidade e leva o aluno a buscar soluções para resolução de seus problemas, tornando-o um aluno crítico e capaz de responder pelos seus atos.</p>

Destarte, a “alfabetização”, ao longo da história ganhou um novo significado e sentido para o contexto educacional atual, que, de acordo com Paulo Freire, pode ser definida como um processo muito além, que transcende o ato de ensinar a ler e escrever palavras, pois, como uma prática discursiva, possibilita que o indivíduo seja capaz de assumir a sua postura política e cidadã, de enfrentamento, mediante os problemas sociais vivenciados e vividos pelos indivíduos em sociedade, almejando a formação e *conscientização* que lhes permitem uma leitura crítica de “mundo” e os encoraja a lutar pelas suas ideias e ideais, bem como contra as desigualdades e injustiças sociais.

Qual é o papel do professor no processo de ensino/ aprendizagem?

“Quando o mistério é muito profundo, é melhor não contrariar”.
Antoine de Saint-Exupéry

A priori, o professor ficou marcado durante muitos anos como autoritário, detentor do saber, ou seja, que sabia de tudo e depositava os seus conhecimentos nos alunos, e esses os memorizavam e reproduziam, sem direito a voz e vez, tolhidos no seu desenvolvimento cognitivo e dialogicidade. Com o passar dos anos e com a influência de novas concepções, estudos e abordagens de ensino, essa postura autoritária foi se remodelando e adequando-se às novas realidades dos alunos e desafios de formar um indivíduo para além dos conteúdos.

Na atualidade, não se procura um professor conteudista, mas um professor que construa o conteúdo por meio do diálogo, despertando a vontade do aprender a aprender e apreender, ficando assim, o aprendiz, utilizando esses conhecimentos, preparado para a vida em sociedade. Sendo assim, “o que se deve opor à prática não é a teoria, de que é inseparável, mas o blá-blá-blá ou o falso pensar” (FREIRE, 1981, p. 14).

O professor – “o bom educador” – precisa sempre estar em busca do conhecimento,

Conhecer é importante porque a educação se funda no conhecimento e este na atividade humana. Para inovar é preciso conhecer. A atividade humana é intencional, não está separada de um projeto. Conhecer não é só adaptar-se ao mundo. É condição de sobrevivência do ser humano e da espécie (GADOTTI, 2011, p. 56).

O conhecimento é a base e o caminho que possibilita o avanço do saber em busca de novas descobertas.

Fica evidenciada, por meio da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei n. 9.394/1996, inspirada nos princípios de liberdade¹⁵ e nos ideais de solidariedade humana, uma conduta mais assimilável que tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, no que concerne ao seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho e o *professor* tem como atribuições, segundo o artigo 13:

- I** - participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;
- II** - elaborar e cumprir plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;
- III** - zelar pela aprendizagem dos alunos;
- IV** - estabelecer estratégias de recuperação para os alunos de menor rendimento;
- V** - ministrar os dias letivos e horas-aula estabelecidos, além de participar integralmente dos períodos dedicados ao planejamento, à avaliação e ao desenvolvimento profissional;
- VI** - colaborar com as atividades de articulação da escola com as famílias e a comunidade. (BRASIL, 1996).

O professor é o fio condutor no processo de alfabetização – ensino e aprendizagem - pois ele é responsável por mediar, ou seja, dar vida, de maneira contextualizada, instigante e significativa à aprendizagem, valorizando os saberes prévios dos alunos, a bagagem cultural, social e econômica que trazem consigo.

A troca de saberes ocorre por meio de uma boa relação interpessoal, entre professor - aluno, aluno – professor e aluno – aluno, que juntos constroem novos saberes e conhecimentos.

Em sua prática pedagógica, o professor deve sempre buscar valorizar e aprender com os alunos, tendo como ponto de partida a compreensão de que o diálogo constrói e dá significado ao processo educacional, e a escuta é imprescindível para a construção do saber e tornar a aprendizagem significativa e participativa, possibilitando, assim, a troca de experiência e [re] formulando novos conhecimentos, ideias e ideais, quebrando os paradigmas de uma educação tradicional, ou seja, rompendo com a educação bancária e mecanizadora. Nesse contexto, Paulo Freire comenta que:

O educador é o que educa; os educandos, os que são educados; o educador é o que sabe; os educandos, os que não sabem; o educador é o que pensa; os educandos, os pensados; o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente; o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados; o educador é o que opta e prescreve sua opção; os educandos os que seguem a prescrição; o

¹⁵ Influência do Movimento apartidário intitulado Teologia da Libertação. A Teologia da Libertação recebeu influência de outras três correntes de filosofia religiosa: o Evangelho Social, a Teologia da Esperança e a Teologia Antropo-política. A mesma não se baseia na interpretação eclesial da realidade, mas na realidade da pobreza e da exclusão. Seus proponentes a descreveram como interpretação analítica e antropológica da fé cristã. (GASPARETTO JUNIOR, Antonio. On-line 04/03/2020). Pedagogia do Oprimido é um dos mais conhecidos trabalhos do educador e filósofo brasileiro Paulo Freire. O livro propõe uma pedagogia com uma nova forma de relacionamento entre professor, estudante e sociedade. O livro continua popular entre educadores no mundo inteiro e é um dos fundamentos da pedagogia crítica.

educador é o que atua; os educandos, os que têm a ilusão de que atuam; o educador escolhe o conteúdo programático; os educandos se acomodam a ele; o educador identifica a autoridade do saber com sua autoridade funcional, que opõe antagonicamente à liberdade dos educandos; estes devem adaptar-se às determinações daquele; o educador, finalmente, é o sujeito do processo; os educandos, meros objetos (FREIRE, 1987, p. 34).

O professor tem sempre um domínio sobre o seu grupo de alunos e, como missão e consequência, a oportunidade de formar indivíduos críticos, participativos e ativos, de maneira não domesticada. A Educação Bancária, chamada por Paulo Freire, é aquela em que o professor é o dominador do saber e o aluno o receptor, no qual é depositado tal conhecimento, não lhe sendo permitido qualquer diálogo ou questionamento. Comenta Freire:

Na visão bancária da educação, o saber é uma doação dos que se julgam Sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão - a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro (FREIRE, 1987, p. 33).

O cerne da educação bancária está alicerçado na opressão. Os professores e professoras, tendo uma outra visão, optaram por uma educação libertária e conscientizadora, para buscar despertar e instigar em seus alunos e alunas uma postura crítica e enfática, que lhes possibilitasse vivenciar, debater, questionar e solucionar problemas cotidianos.

Lidamos com gente, com crianças, adolescentes ou adultos. Participamos de sua formação. Ajudamo-los ou os prejudicamos nesta busca. Estamos intrinsecamente a eles ligados no seu processo de conhecimento. Podemos concorrer com a nossa incompetência, má preparação, irresponsabilidade, para o seu fracasso. Mas podemos, também, com a nossa responsabilidade, preparo científico e gosto do ensino, com a nossa seriedade e testemunho de luta contra as injustiças, contribuir para que os educandos vão se tornando *presenças* marcantes no mundo (FREIRE, 1997, p. 47).

O professor/educador, em sua prática-ação pedagógica-reflexiva-política-ética, precisa compreender os fatos sócio-históricos que o cercam, sejam locais, sejam mundiais, indo além da sua área de atuação (disciplina), e buscar novos conhecimentos nas áreas de: filosofia, sociologia, política, familiar, etnológica, epistemológica, ética e religiosa, com o objetivo de que o processo ensino/aprendizagem, seja enriquecido, validado e contemplado com êxito e plenitude, indo de encontro às necessidades e realidade do educando, a fim de promover e contribuir com a formação de alunos pensantes, autônomos, críticos, pesquisadores e questionadores, pois, seu papel juntamente com a família e a escola é muito importante para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, que *denuncie e anuncie*.

A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens. A educação é, também, onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum (ARENDETT, 1972, p. 247).

A educação é o ponto central para transformação social, com a qual há anos sonhamos e almejamos, e é por meio de uma prática consciente, peremptória e reflexiva, que chegaremos lá, professores e alunos, ombro a ombro, lado a lado.

Os educadores, apesar das suas dificuldades, são insubstituíveis, porque a gentileza, a solidariedade, a tolerância, a inclusão, os sentimentos altruístas, enfim todas as áreas da sensibilidade não podem ser ensinadas por máquinas, e sim por seres humanos (CURY, 2003, p. 65).

É notório que o professor é quem dá vida à instituição chamada “escola”. É ele quem faz com que dela saíam seres humanos bem instruídos, críticos, autônomos, aptos a desbravar e desvendar o mundo que os cerca. Mas, ser professor hoje é um ato de resistência e bravura contra um sistema capitalista, egocêntrico, corrupto, negacionista, ineficaz e ainda,

Ser professor hoje é viver intensamente o seu tempo com **consciência** e **sensibilidade**. Não se pode imaginar um futuro para a humanidade sem educadores. Os educadores, numa visão emancipadora, não só transformam a informação em conhecimento e em consciência crítica, mas também formam pessoas. Diante dos falsos pregadores da palavra, dos marqueteiros, eles são os verdadeiros “amantes da sabedoria”, os filósofos de que nos falava Sócrates. Eles fazem fluir o saber, não o dado. A informação, o puro conhecimento, porque constroem **sentido para a vida** das pessoas e para a humanidade e buscam, juntos, um mundo mais justo, mais produtivo e mais saudável para todos. Por isso, eles são imprescindíveis (GADOTTI, 2011, p. 26-27).

O professor comprometido e ciente de suas responsabilidades e de seu papel na educação precisa sempre buscar novos conhecimentos, não se limitando apenas ao que lhe foi ofertado - na maioria das vezes no mundo acadêmico e/ou na sua formação inicial - despertando e aguçando o seu *espírito pesquisador*, na busca pelo “novo”, na resolução de problemas emergentes da vida em sociedade, bem como das suas inúmeras manifestações, numa ação de questionar, refletir na reflexão, ressignificar e politizar, tendo um posicionamento conciso embasado na ciência, na filosofia, na sociologia, na antropologia, etc. e não em “achismos” de maneira paradoxal, nem tampouco usando a neutralidade. Deve reafirmar o seu posicionamento, provocando no outrem e em si mesmo a habilidade de sempre aprender, sendo aprendente de suas próprias ações e das ações do próximo, já que somos seres culturais, com

saberes diversos, indo além da profissão de ser professor, tornando-se educador, educando para e com a vida.

Questiona-se Rubem Alves: “Educadores, onde estão?” e ele mesmo responde e nos leva a refletir,

Em que covas terão se escondido? Professores há aos milhares, mas professor é profissão, não é algo que se define por dentro, por amor. Educador, ao contrário, não é profissão, é vocação. E toda vocação nasce de um grande amor, de uma grande esperança. Com o advento da indústria como poderia o artesão sobreviver? Foi transformado em operário de segunda classe, até morrer de desgosto e saudade. O mesmo com os tropeiros, que dependiam das trilhas estreitas e das solidões, que morreram quando o asfalto e o automóvel chegaram. Destino igualmente triste teve o boticário, sem recurso para sobreviver num mundo de remédios prontos. Foi devorado no banquete antropofágico das multinacionais (ALVES, 1982, p. 16).

Ser professor ou ser educador? Conclui-se:

Talvez um professor seja um funcionário das instituições... O educador, ao contrário é um fundador de mundos, mediador de esperanças, pastor de projetos. Não sei como preparar o educador. Talvez isto não seja nem necessário nem possível... É preciso acordá-lo. E aí aprenderemos que educadores não se extinguíram como tropeiros e caixeiros. (*ibidem*, p. 28).

Professor! acorde o educador que dorme dentro de ti! Coloque-o além da profissão! Seguir regras e mais regras? “Dar aulas”? Ministre-as! Vá além dos muros da escola! Rompa com os paradigmas impostos por uma sociedade machista, capitalista, desigual, injusta, preconceituosa e por fim, desperta em ti (professor/educador) e no outro (educando/cidadão) o compromisso com a “mudança social”. Permita-se e viabilize o pleno exercício da cidadania, ativamente e não passivamente, afinal: “todo professor é, por função, educador” (GADOTTI, 2011, p. 104). “Tenham esperança, do verbo esperar”, como dizia Paulo Freire.

Um novo desafio seria colocado na vida dos professores, dos alunos, dos pais, das famílias e da sociedade, a partir do mês de março do ano de 2020, quando o mundo começou a passar por um grave problema, decorrente de uma doença desconhecida – Covid-19 – que instalou o medo e a insegurança entre as pessoas e o mundo, “Tedros Adhanom Ghebreyesus, diretor geral da Organização Mundial de Saúde (OMS), declarou no dia 11 de março de 2020, que a organização elevou o estado da contaminação à **pandemia de Covid-19**, doença causada pelo novo coronavírus (Sars-Cov-2)”.

Do dia para a noite, vimos a vida ser transformada radicalmente. Contato pessoal? Nem pensar! Policiamo-nos a viver reclusos, obrigados a usar máscaras de proteção para evitar a

transmissão do vírus, e o uso de álcool gel para higienização das mãos e dos objetos, segundo orientações da OMS.

Se a educação já enfrentava inúmeros problemas, acabou por entrar em um verdadeiro colapso, *caminhando em direção à UTI*, ficando cada vez mais fragilizada. Outras áreas como: saúde, economia, comércio, transporte etc. também foram duramente atingidas, principalmente no que concerne ter essa pandemia causado um desemprego em massa, que, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2021 são 14,3 milhões de desempregados.

O professor, se já não bastassem as suas inúmeras incumbências e pragmatismo, teve agora que lidar com uma nova realidade: “a transformação da sala de aula em um ambiente completamente virtual” e adaptou para tanto, sua própria casa, e nesse ambiente de privacidade, transformou seu quarto, sua sala, sua cozinha, sua vida e seus hábitos para ministrar poder aulas à distância, trabalhando com desalento, solitariamente, sabendo que nem todos os alunos se beneficiariam da aprendizagem, sob essa nova forma, por não terem sequer acesso à Internet. Muitas vezes, sem remuneração adequada, pouca valorização de sua função e falta de estímulo, vem trabalhando cada vez mais e como consequência desgasta-se emocionalmente, o que afeta gradativamente o seu psicológico, desencadeando outras patologias, ou sejam, inúmeros problemas de saúde, como depressão, ansiedade, Síndrome de Burnout - caracterizada por fadiga e estresse, sensação de esgotamento, eficácia reduzida, cinismo ou negativismo relacionados ao seu trabalho, que comprometem o seu desempenho.

O ambiente em salas de aula, com conversas, risos, gritos, brincadeiras, abraços (ah! O abraço!) troca de saberes e conhecimentos já não existe mais. Professores e alunos vêm enfrentando cada vez mais desafios, e com a implantação da Educação à Distância, muitos alunos entraram em prejuízo, por não terem mais um acompanhamento pedagógico especializado, sem computador, celular, tablet, ou acesso à Internet, pais sem competência de administrar o problema gerado, filhos perdendo até seus anos escolares e o problema se agrava, em sua maioria, entre as famílias mais pobres e vulneráveis que não sabem lidar com essa situação e não dispõem de recursos financeiros para mudar esse cenário de necessidade do que é mais básico para viver: *o pão de cada dia*.

A pandemia veio ainda mais evidenciar as desigualdades e injustiças sociais e tornou-se cruel a realidade de que “o pobre cada vez fica mais pobre”. Infelizmente, o cenário é muito preocupante, cerca de 52 milhões de brasileiros vivem na pobreza e 13 milhões em pobreza extrema. A situação ainda é mais caótica no Estado do Maranhão, onde um, entre cada cinco moradores vivem na indigência, de acordo com dados do Portal G1 (12/11/2020).

Esse triste cenário vem corroborar para que tenhamos um país com mais analfabetos e maior número de evasão escolar, onde cidadãos lutam hoje tão somente para sua sobrevivência e/ou existência, aguardando o fim da pandemia, na fila à espera da tão sonhada e almejada vacina. E diante do caos que se instalou sobre nossa Nação, doentes aguardando por uma vaga na UTI, falta de leitos e milhões agonizando a espera de um balão de oxigênio, temos a triste lembrança do Chefe de Estado que lá atrás, taxou essa gravíssima doença como “uma gripezinha”, provocando a indignação da sociedade brasileira e até mesmo além das fronteiras do Brasil. Fica, portanto, um questionamento: Seria essa a maneira certa de tratar tão grave problema?

De acordo com dados do portal G1, “quase 1,4 milhão de crianças e adolescentes entre 6 e 17 anos estão fora da escola. Também conclui que mais de 5,5 milhões de brasileiros nessa faixa etária não tiveram atividades escolares em 2020 por causa em detrimento da pandemia”.

Os dados foram extraídos de levantamento feito pelo IBGE sobre os impactos da Covid em outubro do ano passado. O percentual de estudantes de 6 a 17 anos que não frequentavam a escola foi de 3,8% (1,38 milhão), superior à média nacional de 2019, que foi de 2%, segundo a Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) Contínua. Do total, 11,2% afirmaram frequentar a escola, mas sem que haja aulas ou outras atividades. Assim a pesquisa estima que mais de 5,5 milhões de crianças e adolescentes ficaram sem acesso a atividades educacionais em 2020. O estudo “Enfrentamento da cultura do fracasso escolar” foi feito em parceria com o Instituto Claro e produzido pelo Cenpec Educação (Portal G1, *on-line*, 28/01/2021).

Sobre a reprovação e evasão escolar,

Com dados do Censo Escolar 2019, ou seja, pré-pandemia, a pesquisa aponta que foram reprovados mais de 2 milhões de estudantes no país – meninos são mais reprovados que meninas.

Em 2019, mais de 600 mil crianças e adolescentes abandonaram a escola. Especialistas dizem que os desafios da pandemia devem elevar esses números. As maiores taxas (9,9%) estão na Região Norte do país.

O abandono incide mais sobre crianças e adolescentes pardas (2,6%), pretas (2,9%) e indígenas (5,3%) na comparação com brancas (1,4%). Há também a estimativa de que 6 milhões de estudantes estejam fora da faixa etária considerada ideal para determinada série escolar - a chamada distorção idade-série.

De acordo com o estudo, a escolarização contribui para a melhoria das possibilidades de trabalho e renda, prevenção de doenças e superação de desigualdades sociais e econômicas.

Ítalo Dutra, chefe de educação do UNICEF no Brasil, considera que existe no país “uma naturalização do fracasso escolar”. (Portal G1, *on-line*, 28/01/2021).

Mediante estas complexas explanações, mais uma vez, a escola que luta pela sua existência tem se colocado à prova, enfrentando emergentes e constantes problemas que parecem não ter solução, sofrendo cortes de verba e investimentos essenciais que lhe possibilitariam desenvolver suas funções com qualidade, que abarcam, além do ensinar,

promover tanto a conscientização político-reflexiva, quanto às igualdades e garantias de direito e acesso a uma educação ontológica, pragmática e decisiva para validação de inerentes direitos e deveres. Professores e alunos, juntos, são construtores inseparáveis que trocam experiências para a construção do seu saber e de sua própria história, pois “é no dialogar que cresce rápido o saber, para quem busca se ilustrar e aprender” (WARTTUSCH, 2019).

Ficam indagações sobre um futuro que nos parece incerto, quanto à valorização da educação, ao compromisso para com a sociedade que lhe é inerente, à criação de políticas públicas assertivas, além das práticas de uma gestão governamental consciente eficiente, com vistas a solucionar a problemática instaurada, independente da vontade daqueles que querem nos impingir uma doutrinação sem direito ao diálogo, e que absolutamente não aceitamos.

A educação não pode ser um processo de inércia, nem tampouco erma, isolada, construída abruptamente, distante da realidade dos seus protagonistas, professor-aluno, mas sim, ser um processo transformador, congruente, que professe o ato da cidadania, da participação coletiva, da partilha de saberes, da conscientização-ético-política para a efetiva aplicabilidade na vida, implicando na construção epistemológica do entendimento do outrem. É com sonhar “utopicamente” e lutar por um mundo mais justo e igualitário, no qual haja a simultaneidade do respeito para e com o próximo que se construirá uma Pátria para todos e aí, sim, poderá ser chamada: “Pátria Amada”, amada porque é para todos e não somente para alguns, como no cenário atual.

*“Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.
O saber se aprende com mestres e livros.
A Sabedoria, com o corriqueiro, com a vida e com os humildes.
O que importa na vida não é o ponto de partida, mas a caminhada.
Caminhando e semeando, sempre se terá o que colher”.*

Cora Coralina

Considerações finais

Como objetivamos nesta pesquisa, demonstramos que a alfabetização é um processo que passou e passa por inúmeras mudanças no decorrer do tempo, e cada geração e civilização foi e é responsável por adaptar e criar novas estratégias, formulando, assim, novas concepções, pesquisas e métodos que vão ao encontro da necessidade de cada sujeito, seja o aluno e/ou o professor numa relação intrinsecamente ontológica.

Alfabetização é a ação de pensar e dar significado à escrita, que fará o sujeito encontrar a sua função social e por meio dela usufruir de maneira racional dos seus direitos e deveres, tendo voz ativa e participativa, podendo, de maneira crítica e sólida, manifestar as suas ideias e ideais, ou seja, é um processo político; político, por poder lhe possibilitar decidir aquilo que quiser, e ser político para que possa manifestar seus pensamentos e tornar-se protagonista atuante de sua própria história.

No decorrer do tempo, o professor também rompeu paradigmas acerca de sua postura para com o educando, que partia da figura de um ser autoritário, detentor do saber, que tinha como missão transmitir conhecimento, para um ser mediador de conhecimento, tendo um olhar alteritário, e que faz com que o aluno desenvolva uma postura crítica e pesquisadora, ou seja, recebendo de forma bastante interpretativa o que lhe é passado, tornando-se um sujeito ativo e atuante por conta de sua aprendizagem.

No século XXI, face à descentralização de incumbências quanto ao papel da família na educação dos filhos, as atribuições para a escola e, sobretudo, para o professor têm sido cada vez maiores, impasse que gera uma sobrecarga exaustiva e sem reconhecimento, na medida em que a escola ensina e educa e pouco se valoriza.

O professor tem papel sim, de suma e extrema importância, no que diz respeito a articular, mediar e construir saberes com seu alunado, dando maior significado para a construção coletiva, mas não tem a obrigação de fazer o que é de direito e dever da família e da sociedade.

A educação tem o papel de acolher, ensinar, aprender, partilhar ideias e saberes. Numa relação entre educador e aprendiz é que ocorre a validação da experiência de cada um resultando no que diz Paulo Freire “O educador aprende enquanto ensina [...]” e ainda, Freire (1996, p.52): “saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. Assim a educação é uma construção coletiva e permanente de saberes. Construção essa entre: família, sociedade, escola e professor.

REFERÊNCIAS

ALVES, R. *In*: BRANDÃO, C. R. (org.). **O educador: vida e morte** – escritos sobre uma espécie em perigo. São Paulo: Brasiliense, 1982.

ARENDT, H. A. **crise na educação: III e IV**. Entre o passado e o futuro. São Paulo: Perspectiva, 1972. p. 247.

BARBOSA, J. J. **Alfabetização e leitura**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

BRASIL tem quase 1,4 milhão de crianças e adolescentes fora da escola, diz estudo do Unicef com dados do IBGE. **Portal G1**, 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/volta-as-aulas/noticia/2021/01/28/brasil-tem-quase-14-milhao-de-criancas-e-adolescentes-fora-da-escola-diz-estudo-do-unicef-com-dados-do-ibge.ghtml>>. Acesso em: 22 mar. 2020.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 20 jan. 2021.

BRASIL. **Constituição de 1824**. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1824-1899/constituicao-35041-25-marco-1824-532540-publicacaooriginal-14770-pl.html>. Acesso em: 20 jan. 2021.

BRASIL. **Lei de 15 de outubro de 1927**. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/1824-1899/lei-38398-15-outubro-1827-566692-publicacaooriginal-90222-pl.html. Acesso em: 20 jan. 2021.

BRASIL. **Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, D.F. 23 dez. 1996. Art. 37. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L9394.htm Acesso em: 10 fev. 2020.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetizando sem o BÁ-BÉ-BI-BÓ-BU**. São Paulo, 2009. Ed. Scipione.

CURY, A. J. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 50. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam**. 23. ed. São Paulo. Autores associados: Cortez, 1989.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade**. 5. ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1981.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança**. Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, M. **Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido**. 2. ed. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2011. (Educação cidadã; 2).

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**, 2018. [online]. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18317-educacao.html>. Acesso em: 17 abr. 2020.

IBGE: Brasil tem quase 52 milhões de pessoas na pobreza e 13 milhões na extrema pobreza. **Portal G1**. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/11/12/ibge-brasil-tem-quase-52-milhoes-de-pessoas-na-pobreza-e-13-milhoes-na-extrema-pobreza.ghtml>. Acesso em: 20 jan. 2021.

LIBÂNIO, J. C. **Didática**. 31. reimpressão. São Paulo, 1994.

LIMA, B. A. **Manual do Professor para a Cartilha Caminho Suave (Renovada e Ampliada)**. 2. ed. São Paulo: Caminho Suave, SD. p. 4.

MENEZES, E. T. Verbete método lancasteriano. **Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil**. São Paulo: Midiamix Editora, 2001. Disponível em <https://www.educabrasil.com.br/metodo-lancasteriano/>. Acesso em: 25 mar. 2021.

MORTATTI, M. R. L. Cartilha de alfabetização e cultura escolar: um pacto secular. **Cadernos CEDES** (Impresso), Campinas, v. 20, p. 41-54, 2000 a.

PAIVA, J. M. Educação Jesuítica no Brasil. *In*: LOPES, E. M. T. *et al.* **500 anos de Educação no Brasil**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 43-60.

PAIVA, J. M. **História dos Métodos de Alfabetização no Brasil**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_mortattihisttextalfbbr.pdf. 2006, p. 1-16. Acesso em: 10. jan. 2020.

PEREIRA, M.G.S. **Quem foi Branca Alves de Lima?** Entrevista concedida a José Alex Trajano dos Santos e Mírian Wartusch. São Paulo, 28 jun. 2020.

RODRIGUES, A. M. S. **Quadro comparativo dos métodos sintético, analítico, tradicional e construtivista**. 08 maio 2018. Disponível em: <http://www.diaadianaescola.com.br/quadro-comparativo-dos-metodos-sinteticos-analiticos-tradicional-construtivista/>. Acesso em: 10 mar. 2020. Reorganizado por SANTOS, J.A.T. (2021).

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. 6; ed., 6ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

SOUSA, R. G. **"Reformas Pombalinas"**. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/reformas-pombalinas.htm>. Acesso em: 25 mar. 2021.

WARTTUSCH, M. **Faça-se ouvir a voz de Paulo Freire, 2019**. (5m16s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UVJwc4t2anA&t=127s>. Acesso em: 10 jan. 2021.